

Um breve percorrido na teoria de Freud sobre as identificações

Margarida Viñas Ribeiro Lima¹

1 INTRODUÇÃO

Como falar de um lugar onde não se está? Lugar em que sendo, não se é... Zona de uma paragem em que, na descrição do poeta, “*sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada, por uma suma de não-eus sintetizados num eu posição*”².

Forma mais primitiva e original de laço emocional, compreender a identificação é fundamental na teoria e na clínica psicanalíticas, não somente como nó constitutivo do psiquismo, raiz de onde brota nosso ego, mas também como fator de cura e de constituição de um *eu* liberto. Identificação não se trata de imitação, não se trata de paródia ou de uma brincadeira qualquer. Trata-se de algo maior, sempre inconsciente: aquele lugar em que, na desordem dos armários embutidos, o paletó de um faz confusão com o vestido da outra, ou em que embaralhamos tanto as nossas pernas que não sabemos mais com que pernas seguir. Lugar em que, na bagunça do coração, o sangue do outro se perde em nossas veias.

De uma forma ou de outra, a questão das identificações percorre toda a obra freudiana. Ao longo desta, nosso mestre foi dando ao conceito cada vez maior importância. Através do presente trabalho, convido o leitor para trilharmos juntos

1 Membro Provisório do CEPdePA.

2 PESSOA, F. Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. *In*: Para a explicação da heteronímia.

os caminhos por onde Freud passou, a fim de tentar compreender como o tema das identificações foi sendo elaborado ao longo de sua obra.

2 NOS EMARANHADOS DA IDENTIFICAÇÃO, AS TRILHAS DO SUJEITO...

Começemos, pois, pelo final. É na Conferência XXXI, de 1933, que Freud fala pela última vez sobre o tema, definindo-o e, de certa forma, resumindo o que trazia em seus textos anteriores. Leia-se:

A base do processo é o que se chama ‘identificação’ - isto é, a ação de assemelhar um ego a outro ego, em consequência do que o primeiro ego se comporta como o segundo em determinados aspectos, imita-o e, em certo sentido, assimila-o dentro de si. A identificação tem sido comparada, não inadequadamente, com a incorporação oral, canibalística, da outra pessoa. É uma forma muito importante de vinculação a uma outra pessoa, provavelmente a primeira forma, e não é o mesmo que escolha objetal. A diferença entre ambas pode ser expressa mais ou menos da seguinte maneira. Se um menino se identifica com seu pai, ele quer ser igual a seu pai; se fizer dele o objeto de sua escolha, o menino quer tê-lo, possuí-lo. No primeiro caso, seu ego modifica-se conforme o modelo de seu pai; no segundo caso, isso não é necessário. Identificação e escolha objetal são, em grande parte, independentes uma da outra; no entanto, é possível identificar-se com alguém que, por exemplo, foi tomado como objeto sexual, e modificar o ego segundo esse modelo (FREUD, 1933 [1932], p. 68).

Trouxemos esse excerto do texto pela sua importância. Aqui, Freud define o que é identificação: “*Ação de assemelhar um ego a outro ego*”. Aponta, também, que a comparação da identificação com a incorporação oral não é inadequada. E, por fim, expõe sua ligação com o complexo de Édipo, salientando a diferença entre identificação e escolha objetal.

Mais adiante, no mesmo texto, Freud explica como o mecanismo subjaz à formação do superego, o exemplo mais bem-sucedido de identificação com a instância parental. Nesse caso, uma vez ultrapassado o complexo de Édipo com o abandono das catexias objetais dali decorrentes, a libido, então livre, retorna ao *eu* com a supressão do objeto, que é incorporado via identificação, sendo esta o fator fundamental para a formação do superego.

Voltemos, pois, ao passado, para percorrermos com Freud os caminhos que ele atravessou para, acompanhando-o, compreender como chegou até aí...

A primeira vez que a noção de identificação aparece na obra de Freud é em 1896, na carta que escreve a Fliess, em 17 de dezembro. A identificação com mulheres públicas, juntamente com o desejo de “apanhar o primeiro homem que passar pela rua”, explicaria a agorafobia que acometia as mulheres (FREUD, 1896, p. 218). Em outras cartas da época, vê-se traços ou sintomas explicados como fenômenos da identificação histérica, incluindo a identificação com mortos, empregadas, familiares etc., sendo que esta justificaria até a multiplicidade de personalidades psíquicas (FREUD, 1950 [1892-1899]). Nesses textos, na maioria das vezes, a identificação seria um **meio pelo qual poderia se dar vazão à culpa**.

No Rascunho N, anexo à Carta 64, de 31 de maio de 1897, os primórdios do que viria a se construir em Luto e Melancolia começam a aparecer. Em “Impulsos”, os impulsos hostis contra os pais são recalcados, e, nas épocas em que é atuante a compaixão pelos parentes, a pessoa acusa-se pela morte deles (melancolia) ou pune-se de forma histérica com a mesma doença que tiveram. O mecanismo que possibilitaria essa punição seria a identificação, aqui vista como nada mais que um “**modo de pensar**” (FREUD, 1950 [1892-1899]). Ainda nesse Rascunho, em “Motivos para a construção dos sintomas”, Freud aponta que a construção de sintomas por identificação está ligada ao recalçamento das fantasias no inconsciente, chegando a observar que a repressão dos impulsos parece não produzir angústia, mas melancolia.

Na Carta 125, de 09 de dezembro de 1899, a questão da escolha da neurose é abordada. A identificação é então apontada como sendo a **via principal na gênese da histeria**. Esse mecanismo restabeleceria as figuras amadas da infância que

foram abandonadas, dissolvendo o próprio ego nas figuras externas (FREUD, 1950 [1892-1899]).

Em “A interpretação dos sonhos” (1900), inúmeras passagens mostram como a noção de identificação é **indispensável para a interpretação** dos sonhos ou dos sintomas histéricos. No capítulo IV, a identificação histérica é longamente estudada. Afinal, é ela quem permite que o sonhador expresse seus sintomas através de inúmeras outras pessoas dentro de um sonho. A identificação possibilita, através do deslocamento, que o sujeito padeça do seu sofrimento e contemple seus desejos, por assim dizer, na pele dos vários personagens integrantes da peça teatral que monta em seus sonhos. Ainda nesse texto, Freud (1900) diferencia a identificação da simples imitação histérica, apontando, na primeira, uma assimilação que expressa uma semelhança e provém de um elemento comum que resta inconsciente.

Mantendo-nos na ordem dos textos freudianos, cabe apontar que, entre as histéricas de Freud, Dora foi *hors concours* na matéria. Em seu baile de máscaras interior, identificou-se com o pai, o irmão, a tia, a Sra. K, a mãe, a prima, não deixando de fora nem mesmo a governanta. Entre a riqueza e a pobreza psíquica, formando sua própria paisagem, foi todos e não foi ninguém. No que concerne ao tema, “Fragmento da análise de um caso de histeria” (1905 [1901]) é o escrito mais importante dessa época, pois demonstra, de forma cristalina, a fundamental importância da identificação na **formação dos sintomas**.

Dessa forma, a tosse de Dora é fruto de um verdadeiro complexo identificatório. Com sua *tussis nervosa* colocava-se no lugar da Sra. K, pois acreditava que a relação sexual dela com seu pai fosse basicamente oral. Desejava-se no lugar dessa senhora, já que estava, ela mesma, apaixonada pelo pai. Ainda, a tosse representava uma identificação ao próprio pai, seu objeto de desejo, pois este foi vítima de uma tuberculose quando a Dora tinha seis anos. Por fim, a tosse a colocava no lugar da mãe, como se Dora gritasse: “*Sou a filhinha de meu pai. Sofro da tosse dele... Ele me deixou doente como deixou mamãe, já que eu sofro da mesma paixão por ele que ela sofre... Sou também como a Sra. K, desejada por ele, e que mantém com ele uma relação de satisfação oral.*”. Através da conversão, o sintoma dá vazão à libido. E é a identificação que dá sentido à satisfação então alcançada.

Voltemos à nossa cronologia... Nesse período, Freud também começa a ver na identificação algo que dizia respeito à **formação do caráter**. É nesse sentido que aborda o tema em alguns dos principais textos da época, tais quais: “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905), “Caráter e erotismo anal” (1908), “A disposição à neurose obsessiva” (1913) e mesmo, mais tarde, “Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica” (1916). Todavia, nos Três Ensaios aponta na organização oral ou canibalesca o desejo de incorporação do objeto, já vislumbrando aí o modelo do mecanismo identificatório (FREUD, 1905).

Algumas peculiaridades são também assinaladas em textos dessa época: em 1905 (ou 1906), “Personagens psicopáticos no palco” aponta a identificação do espectador com o herói das peças de teatro, indicando que, pela representação posta no palco, poder-se-ia vivenciar o heroísmo sem os sofrimentos que o papel do herói traria (FREUD, 1942 [1905-1906]). Já em “Algumas observações gerais sobre ataques histéricos” (1909 [1908]), reitera-se a possibilidade de uma identificação múltipla, dentro de um mesmo ataque histérico.

Após Dora, dentre os casos clínicos de Freud, Hans aparece como fio de Ariadne na compreensão das identificações (FREUD, 1909a). Afinal, é em torno da escolha do animal objeto da fobia que se descortinava não somente toda a conflitiva edípica, mas também o enredo identificatório que ela suscita. Observe-se: para o menininho, os traços do pai lembravam o do cavalo, e Hans também gostava de ser o cavalo em suas brincadeiras. Assim, mordida o cavalo-pai – pela rivalidade decorrente do amor pela mãe – ao mesmo tempo em que se identificava com ele, anunciando o desejo amparado nos verbos *ser e/ou ter* relativo aos progenitores. O texto traz em seu bojo o nascimento das posições ensejadas pelo complexo de Édipo: identificação e escolha objetal. Na mesma época, a identificação com o pai também é a chave para desvendar a conflitiva do “Homem dos ratos” (FREUD, 1909b).

Na sequência, em seu estudo sobre Leonardo (1910), o entendimento de Freud sobre o tema adquire uma nova complexidade. No véu das palavras não ditas e dos afetos não mais sentidos pela mãe, da qual Leonardo foi afastado ainda pequeno, o que foi suprimido se incorpora ao eu. Aqui, a identificação explicaria a homossexualidade de Leonardo nos seguintes termos: haveria, primeiramente,

uma ligação erótica intensa à mãe, favorecida pela ternura excessiva desta. Essa ligação seria reforçada pelo afastamento do pai na vida do menininho enquanto pequeno. Ao se separar da mãe, esse amor sucumbiu ao recalçamento, mas fez com que Leonardo se colocasse em seu lugar, no lugar da mãe, identificando-se com ela e colocando sua própria pessoa como modelo a partir do qual seriam feitas suas escolhas amorosas. Assim, Leonardo se torna homossexual.

Freud aponta aí um retorno ao autoerotismo, já que as escolhas objetais a partir de então serão apenas substitutos de si mesmo, quando criança. O texto de Freud sobre Leonardo é importante porque revela um novo mecanismo psíquico, baseado na **supressão do objeto e na sua incorporação**, o qual, mais tarde, será utilizado para explicar a melancolia.

Um pouco mais tarde é em “Totem e tabu” (1913 [1912-13]) que o tema voltará com força. Aqui, o mecanismo identificatório é associado a uma atividade sexual, cuja correlação está na fase oral ou canibal. Em outras palavras: o **fim sexual da incorporação do objeto** através da alimentação é visto como o protótipo do processo de identificação. O mito psicanalítico do pai da horda primitiva traz consigo o mesmo tipo de identificação visto em Leonardo e ora abordado em relação a um animal totêmico, então encarado como substituto do pai, dando origem à organização social e moral. Na ficção criada por Freud, a supressão do pai, pela via identificatória, é o que possibilita a repressão dos desejos edípicos, assegurando a manutenção da ordem.

O ano de 1915 foi particularmente importante no tocante a essa temática. Embora em “O inconsciente” a identificação histórica seja brevemente mencionada e em “Os instintos e suas vicissitudes” o mecanismo apareça apenas embasando a relação entre o sadismo e o masoquismo e o prazer fruído pelo sujeito, este é o ano em que Freud escreve “Luto e melancolia”. Nesse texto, Freud nomeia de **identificação narcísica** aquela que percebeu em Leonardo e desenvolve o que seriam as suas características. Primeiro, ela se faz em relação a um objeto total, e não somente a um traço. Depende, para tanto, da qualidade da relação libidinal a uma determinada pessoa, cuja relação objetal tinha pouca resistência e foi destruída. A partir daí, ao invés do deslocamento dessa libido para outro objeto, ela é retirada para o ego, estabelecendo uma ligação deste com o objeto abandonado.

A identificação aqui é efetuada em uma base narcisista que permite que a catexia objetual, ao se defrontar com obstáculos, retroceda para o narcisismo (FREUD, 1917 [1915]).

Freud (1913 [1912-13]) então retoma o ponto desenvolvido em “Totem e tabu” para acrescentar que é a incorporação oral que está por trás desse tipo de identificação. A importância do que aqui se desenvolve é que a noção de identificação começa a adquirir uma nova dimensão, agora ganhando um papel importante na formação dos processos psíquicos. Pela via identificatória, a sombra do objeto recai sobre o eu, trazendo com ela toda a ambivalência que se tinha em relação a ele.

Ainda em 1915, “Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença” aponta a regressão para uma origem narcisista de escolha objetual dispondo à paranóia. Em 1915-1916, “Breves escritos - um paralelo mitológico com uma obsessão visual” menciona a identificação de toda uma pessoa a órgãos corporais através de fantasias inconscientes, abrindo caminho para se pensar a identificação não apenas em relação a “outros egos”, mas também a objetos.

Dentro das “Conferências introdutórias sobre a psicanálise” (1917 [1916-17]), é na Conferência XXVI (A teoria da libido e o narcisismo) que o tema é abordado. Freud percebe que as autocensuras dos pacientes melancólicos, na verdade, dirigem-se a outra pessoa, um objeto sexual que se lhes tornou sem valor. Conclui que o melancólico, “[...] na realidade, retirou do objeto sua libido, mas que, por um processo que devemos chamar de ‘identificação narcísica’, o objeto se estabeleceu no ego, digamos, projetou-se sobre o ego.” (FREUD, 1917 [1916-17], p. 428). A partir daí o ego da pessoa passa a ser tratado à semelhança do objeto abandonado e é submetido a todos os atos de agressão e raiva que antes eram dirigidos ao objeto (FREUD, 1917 [1916-17]).

Embora tenha voltado sua atenção para a identificação narcísica, nessa conferência Freud retoma a identificação histórica, todavia ainda emprestando-lhe o sentido que lhe conferia até então, no contexto da interpretação dos sonhos ou de elucidação de sintomas. Observe-se que, até este momento, o que é frisado nas identificações é o seu caráter subjacente aos **processos patológicos**.

Seguindo ainda nesse elucidativo escrito, Freud começa a reconhecer uma instância que, assumindo o domínio do ego, passa a julgá-lo mediante um *ego ideal* criado no decorrer do desenvolvimento. Essa instância revelaria sua origem nas influências dos pais, dos educadores e do ambiente social, através de identificações com essas figuras-modelo.

Prosseguindo, em 1918, ao abordar a identificação do homem dos lobos ao pai, em “História de uma neurose infantil”, questiona:

Consideramos, até agora, a sua identificação com o pai como sendo narcísica; mas, se levamos em conta o conteúdo da cena primária, não podemos negar que já atingira o estádio da organização genital. Seu órgão genital masculino começara a representar o seu papel e continuava a fazê-lo sob a influência da sedução pela irmã (FREUD, 1918 [1914], p. 114).

Como se depreende do excerto acima, Freud ainda se preocupava com a linha tênue que caracteriza um ou outro modelo de identificação. Nos próximos anos, o autor irá de fato mergulhar no tema, mostrando a importância que lhe outorgou. Assim, é em “Psicologia de grupo e análise do Ego” e, depois, em “O Ego e o Id” que a teorização sobre as identificações sofrerá uma guinada. Sigamos, pois.

3 PSICOLOGIA DE GRUPO E ANÁLISE DO EGO

Nesse importante texto de 1921, Freud dedica um capítulo inteiramente a essa temática. Forma mais remota de laço emocional, a identificação desempenha um importante papel no desenvolvimento do complexo de Édipo. Primeiramente, o menino quer ser como o pai. Toma-o por herói, por ideal. Paralelamente, vai desenvolvendo um outro tipo de catexia com a mãe: deseja-a, quer tê-la para si. Percebe, então, que o pai está no seu caminho, que é um verdadeiro rival. O que era identificação com aquele progenitor torna-se ambivalência, amor misturado com hostilidade. Essa história pode ter inúmeros desdobramentos, como o texto bem explica.

O foco aqui é a questão do ser e do ter. Observe-se: primeiro, há uma identificação formada antes que qualquer escolha objetal seja efetuada. “Quero *ser* alto, alegre, esperto **como** meu pai... Quero *ser* doce, linda, amável **como** minha mãe...” Em outro momento, dentro dos desdobramentos acima mencionados, a identificação pode se dar com o progenitor rival, por exemplo. Assim, uma menina padecer dos mesmos sintomas da doença que acomete a mãe pode apontar o desejo de tomar o seu lugar junto ao pai. Aqui, trata-se de um desdobramento da identificação com base no verbo ser, pois já a escolha objetal paira no horizonte: quer-se *ser* como um dos progenitores, para se *ter* o outro.

Uma segunda modalidade de identificação, ensinada pelo complexo de Édipo, é a que nasce diretamente enraizada no verbo *ter*: após a escolha objetal, e estando interdito o objeto de desejo, ocorre a identificação com o próprio objeto escolhido. Trata-se da identificação com aquele que se quis ter, mas, por força do recalçamento, não se pôde. Nesse caso, o objeto é suprimido. Aqui, a identificação aparece no lugar da escolha de objeto, a qual regride para a identificação. Para Freud, essa identificação, que se opera a partir do progenitor que se quis *ter*, é parcial e limitada, reduzindo-se a um traço único (*einzigster zug*).

Um outro tipo de identificação apontado por Freud nesse texto seria relativo à percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto sexual: desejo de estar na mesma situação de outrem. É o caso da moça do internato que recebe uma carta de amor, ensejando uma crise de histeria. Seria a explicação de outras meninas do mesmo local terem crises semelhantes; identificação por meio do sintoma, que se torna assim um ponto de coincidência entre dois egos.

Por fim, ainda nesse texto, Freud aborda a identificação narcísica, mencionando o caso Leonardo e explicando que aqui o objeto é renunciado e introjetado no ego. A melancolia, diz ele, segue esse mesmo caminho...

4 O EGO E O ID

No capítulo III de “O Ego e o Id” (1923), Freud volta a dar um papel relevante à identificação ao abordar a relação entre o ego e o superego. Aqui,

novamente tentando explicar o mecanismo identificatório por trás da melancolia, Freud esclarece que, em um primeiro momento na fase oral primitiva do indivíduo, não há como distinguir identificação e catexia objetual. Depois, havendo escolha de objeto libidinal a necessidade de abandoná-la, sucede-se uma alteração no ego em que este instala o objeto dentro de si. Em algum momento, essa identificação pode ser a única maneira em que o id possa abandonar seus objetos.

O processo, segundo Freud (1923), é comum nas etapas iniciais do desenvolvimento, sendo que nosso caráter é formado pelo complexo dessas catexias objetuais abandonadas, e que contém a nossa história das escolhas objetuais. Também há a possibilidade de a catexia de objeto sobreviver à identificação com este. Aí a alteração do caráter convive com a relação de objeto, conservando-a. Voltaremos a isso mais adiante.

Todavia, geralmente a transformação de libido de objeto em narcísica acarreta um abandono de objetivos sexuais e, portanto, uma sublimação. Além disso, inúmeras identificações podem levar a uma ruptura do ego, devido a conflitos entre elas. Certamente, as primeiras identificações ocorridas na primeira infância terão caráter mais duradouro e estão por trás da formação do ideal de eu. Freud então explica que essa identificação, ligada ao papel do pai, é “[...] direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto.” (FREUD, 1923, p. 43).

Em seguida, no mesmo escrito, Freud retoma a relação da identificação com o complexo de Édipo, profundamente analisada em “Psicologia dos grupos”, mencionando agora a bissexualidade constitucional de cada indivíduo. Essa, por sua vez, agregando outras possibilidades identificatórias na conflitiva edípica, enseja diferentes posições dentro do complexo.

Com isso, a dissolução do complexo de Édipo não acarretaria na identificação com um dos progenitores, mas com ambos: uma materna e uma paterna. E “[...] a intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais.” (FREUD, 1923, p. 46). Prosseguindo, Freud esclarece:

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a

formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Essa modificação do ego retém sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal de ego ou superego (FREUD, 1923, p. 47).

Assim compreendido, o superego é resíduo das primeiras catexias objetais, mas também oposição às mesmas, via identificação com o progenitor contrário: “*Você não pode ser como seu pai*”. Afinal, a identificação é o mecanismo que alicerça o superego, carregando consigo toda a sua rigidez e implacabilidade.

Observe-se que os mandamentos “*assim como o teu pai deves ser*” e “*assim como teu pai não podes ser*” implicam não só toda a conflitiva edípica, determinando o que o sujeito deve fazer para ser amado e o que não pode fazer para não ser castrado, mas também o condenam a sair dessa chave buscando suprir uma falta que se constituirá de um lado ou de outro. Como se depreende desses últimos textos, a identificação anda *pari passu* com a castração dentro do complexo de Édipo, pois, se essa última decorre do verbo *ter*, carregando dentro de si um impedimento, é a primeira que abre as portas para o amor, o *ser...como* (pai/mãe), que possibilita outras relações fora do lócus parental.

5 OS EIXOS IDENTIFICATÓRIOS

Partiremos, pois, da premissa desenvolvida por Freud, para abordar as identificações a partir de três eixos: o narcísico, o neurótico e o da identificação primária. Com base nos textos supracitados, e traçando neles uma linha cronológica, vamos percebendo como Freud foi compreendendo as identificações.

Assim, vimos que, primeiramente, ela aparece como um modo de pensar; depois, um meio destinado a satisfazer desejos, mascarando a censura e disfarçando a culpa. Dessa forma, a identificação era vista como um importante fator na formação dos sintomas histéricos, e sua compreensão estava ligada a processos psicopatológicos.

Mais adiante, Freud outorga à identificação outro papel, ainda mais relevante: seria ela fundamental para a formação do caráter, moldando seus traços.

Note-se que, ainda que abordando a identificação como sendo algo pertinente à histeria, observou também nos obsessivos traços identificatórios. Todavia, nesta fase em que escreve sobre caráter, Freud não dispunha ainda dos saberes da segunda tópica para explicar o mecanismo superegótico por trás dessas identificações.

O pai da psicanálise começou a desbravar o psiquismo humano enquanto estudava a histeria, mantendo por um longo período a ligação entre esse tipo de neurose e seu entendimento sobre a identificação, em contraposição à identificação narcísica. Vê-se isso nitidamente em Luto e Melancolia, onde ele faz um contraponto entre as duas:

Contudo, a diferença entre a identificação narcísica e a histérica pode residir no seguinte: ao passo que na primeira a catexia objetal é abandonada, na segunda persiste e manifesta sua influência, embora isso em geral esteja confinado a certas ações e inerções isoladas. Seja como for, também nas neuroses de transferência a identificação é a expressão da existência de algo em comum, que pode significar amor. A identificação narcísica é a mais antiga das duas e prepara o caminho para uma compreensão da identificação histérica, que tem sido estudada menos profundamente (FREUD, 1917 [1915], p. 256).

Não descartando que a identificação estivesse presente em outras estruturas, ele aponta, no excerto acima, que *nas neuroses de transferência* (não somente na histeria) as identificações com o objeto estão associadas à formação de sintomas. Observe-se que, ainda que constantemente as ligue à histeria, as identificações foram observadas em quase todos casos clínicos em que Freud deteve-se mais aprofundadamente, especialmente na neurose obsessiva.

Assim, no Cap. VII da Psicologia de Grupo, Freud (1921) abandona esse contraponto entre histérico e narcísico para falar em diversos tipos de identificação, em contraposição às narcísicas. Mais adequado, a nosso ver, seria abordar as identificações em três termos: primária, que veremos abaixo; neuróticas, compreendendo as identificações decorrentes do complexo de Édipo (as que têm por

base em uma catexia objetal anterior e as históricas propriamente ditas, quais sejam, as identificações por infecção psíquica); e, por fim, as narcísicas. Começemos pelas identificações primárias.

Antes de adentrar novamente no tema, é importante observar que há um momento primevo em que o nome *identificação* ainda não é cabível, pois ainda não há diferenciação entre o ego da criança e a mãe. Falar em identificação pressupõe, pois, um ego e um objeto. Esse momento mítico, ideal de plenitude ao qual o sujeito jamais regressará, talvez seja o momento ao qual sempre se pretenda religar, através das identificações. Todavia, para a formação de um ego, a “desidentificação” com essa dupla fusionada é necessária. Portanto, podemos pensar que essa ocorre antes mesmo das identificações primevas, dentro do jogo de presença e ausência que institui a falta do outro e abre a possibilidade de existir um eu.

Assim, após essa “desidentificação” inicial com essa unidade fusionada à mãe, o primeiro tipo de identificação a se desenvolver é a **identificação primária**, existente desde a pré-história do indivíduo e anterior a qualquer catexia libidinal objetal. Observe-se que Freud raramente faz menção a essa expressão, que, no entanto, é bem apontada pelos autores que abordaram o tema posteriormente.

Em “Psicologia de grupos”, Freud (1921) ressalta que as relações do ego com um objeto podem ter por base os verbos *ser* e *ter*, sendo o verbo *ser* (querer ser) o alicerce da identificação; e o verbo *ter*, da catexia libidinal objetal. E estabelece ali as formas da identificação que, de alguma forma, estão vinculadas ao complexo de Édipo.

Assim, a primária, anteriormente mencionada, ocorre ainda antes de uma escolha de objeto: identifica-se com o progenitor que se quer ser, de acordo com as posições pertinentes aos verbos *ter* e *ser* decorrentes da saída para a conflitiva edípica. Essa identificação pode ser vista como um modelo de base, dando o norte formador do indivíduo, seja que estrutura tenha. Procede de um momento em que se começa a perceber distinto do outro, mas ainda se está inserido dentro de um referencial no qual se desconhece muita diferença. “*Gosto de comer ovos de manhã, pois na minha casa é o que comemos*”. “*Lavar o carro nos fins de semana é algo bom, fazemos assim*.” “*Ser solícito, generoso, altruísta, etc...como a mãe, como o pai, os irmãos...é como se deve ser...é como sou*.”

Aqui não estamos falando de identificação com um traço. Embora não seja uma identificação total, é todo um conjunto de características, um modo de proceder e viver que é assimilado pelo sujeito. É uma identificação em cascata, algo como carregar o outro no olhar, na visão de mundo.

Essa identificação tem sua referência na incorporação, na assimilação pela via oral daquilo que foi explicado por Freud em *Totem e Tabu*. É como se o sujeito não precisasse somente de alimentos, mas também fosse nutrido em seus primórdios por tudo aquilo que, de fato, o faz diferente dos outros animais, formando nele um humano. Com a marca da simplicidade, trata-se aqui da identificação a um estado puro que se situa no tão só registro do ser. Ainda, essa é a identificação que faz a passagem das características transgeracionais, mais uma vez mostrando a sua ligação ao texto “*Totem e Tabu*”, no qual a ausência/morte do patriarca não retira a lei do clã (FREUD, 1913 [1912-13]).

Ocorrendo nos primórdios da conflitiva edípica, antes de existir um ego mais estruturado, e, assim, ainda antes que possa de fato haver um investimento libidinal objetual, é de perguntar-se se não seria narcísica essa identificação. Acompanhando o pensamento freudiano, cremos que não. Nem narcísica, nem neurótica, pois, embora tenha ligação com os prelúdios edípicos, ela está de fato muito mais ligada a elementos formadores desse modo de ser do indivíduo, que não pode ser tomada nem por um nem por outro.

Mais uma vez, o outro é tomado em conjunto, mas sem a aniquilação do mesmo, e sem a desintegração do próprio sujeito. Ao contrário, é dessas identificações que o sujeito é formado, em todo seu suporte. Aqui, em que pese poder haver elementos ambivalentes em relação ao progenitor com o qual se identifica, ele ainda não foi objeto de catexia objetual libidinal. Não há contrariedade: apenas se quer ser como ele. A pulsão de vida é a base dessa identificação, pois se trata de ligação.

Um segundo tipo de identificação apontado em “*Psicologia de grupo*” decorre da escolha, desenrolada pela passagem da conflitiva edípica, de um dos progenitores como aquele que se quer *ter*. Em um primeiro momento, há uma escolha objetual. Investimento libidinal objetual, é disso que falamos. Todavia, pelo próprio complexo de Édipo, o sujeito tem que renunciar ao objeto do amor eróti-

co ao qual essa catexia se destina. Então, sujeita ao recalçamento, pelo mecanismo da regressão, essa escolha de objeto retrocede para a identificação. À vista disso, apanha-se apenas um traço isolado desse objeto (*einzigster zug*), incorporando-o ao eu (FREUD, 1921).

Consequência do Édipo e da repressão, a **identificação “de traço único” é uma identificação neurótica**. Tem-se aqui uma identificação parcial, extremamente limitada, na qual um só traço marca, como um sintoma, a sua presença. É a própria marca da castração, mostrando-se também como alicerce na construção daquele sujeito. O traço único marca a presença do desejo como uma tatuagem que, pintada sob o braço, contém o nome da pessoa rival ou amada. Ao contrário da tatuagem, contudo, que marca a presença do objeto ao qual se refere, é o apagamento do desejo que fica marcado pelo traço.

Nesse segundo tipo de identificação, também ligado às instâncias parentais e, portanto, ao complexo de Édipo, poderíamos pensar na alegoria de um pássaro que, não tendo asas ou tendo-as quebrado, socorre-se de asas alheias para poder alçar voo. Mal sabe ele que o que lhe prendeu a atenção nessas asas emprestadas foi, justamente, as feridas que portavam consigo.

Aqui, a identificação é um sintoma, uma defesa. É um meio de se dar alívio ou mesmo uma forma de se punir: *“Já que não posso ter o pai, vou ser como ele, adquirindo a sua tosse.”* Puro desejo, parcialmente satisfeito em forma de sintoma. Desejo de ter o outro, aqui reprimido, transportado para dentro de si. Tenta-se ser o que não se pode ter. O traço único, isolado, adquirido, parece se tratar de uma garantia de que o sujeito possa viver em outro lugar que não o da vertigem da falta.

A terceira forma de identificação apontada por Freud (1921) na “Psicologia de grupo” é aquela cuja relação com o objeto não é relevante, e sim o desejo de estar numa mesma situação de outra pessoa. É a identificação por infecção, derivada da percepção de uma qualidade comum com uma pessoa que não é objeto de instinto sexual. Também é uma identificação neurótica, pois decorrente do desejo e da repressão. Aqui se tem mais uma **identificação neurótica, uma identificação unicamente histórica**, pois se trata da identificação do desejo de um com o desejo de outro. Para essa identificação ser possível, o desejo com o qual se identifica deve ser portador da marca de um desejo insatisfeito.

O exemplo trazido por Freud (1921) é o da moça que, num internato, recebe uma carta de amor, o que lhe desperta uma crise histérica. Na sequência, outras meninas têm crises semelhantes, apontando o desejo de serem assediadas/estarem apaixonadas. Esse tipo de identificação é de grande utilidade para se percorrer os caminhos dos desejos nos sonhos. Para tanto, basta a presença daquele que se vê numa situação invejosa quando a luz se apaga e as pálpebras se fecham. É como um voo imaginário, que se faz com escala no outro: pegando, nessa paragem, o sintoma que carrega consigo o prazer do arrebatamento que não se vive.

No Cap. IV de “A interpretação dos sonhos”, Freud explica, como mencionamos acima, de que modo essa identificação pode ajudar a revelar o conteúdo implícito no sonho. Para ele, a identificação histérica

[...] permite aos pacientes expressarem em seus sintomas não apenas suas próprias experiências, como também as de um grande número de outras pessoas: permite-lhes, por assim dizer, sofrer em nome de toda uma multidão de pessoas e desempenhar sozinhas todos os papéis de uma peça (FREUD, 1900, p. 183).

Para exemplificar, nada melhor do que o caso da paciente de Freud (1900), a mulher do açougueiro, que, sonhando, colocou-se no lugar da amiga, porque esta poderia ocupar seu lugar junto ao seu marido, e ela – a paciente – queria esse lugar reservado para si.

Observe-se que, dentre as identificações abordadas acima, apenas a primeira, a primária, aquela que corresponde à constituição básica do indivíduo, pode não ser considerada um sintoma. No mais, tanto a neurótica pertinente ao traço único (*einzigster zug*) quanto a identificação histérica propriamente dita seriam expressão sintomática de algo que o psiquismo não está sendo capaz de dar conta por causa da repressão.

Noutro eixo, **a identificação narcísica** começou a ser compreendida por Freud no texto do Leonardo. Profundamente estudada em Luto e Melancolia, não estamos mais falando em traço de caráter e nem mesmo em sintoma. É de outra coisa que se trata. O que Freud descobre no mecanismo da identificação

narcísica vai acabar por se revelar mais tarde como um importante mecanismo formador do psiquismo. Sigamos, pois.

Na identificação narcísica, como na identificação neurótica do traço único, há primeiro uma catexia libidinal objetal. Em outras palavras, quer-se *ter* um objeto. Todavia aqui, por alguma razão, a relação objetal é destroçada. Aqui, a marca do impedimento da relação libidinal não é a repressão, como na identificação do traço único. A relação que ora tratamos é marcada pela ambivalência, decorrente da incorporação total de um objeto pelo qual se tinha sentimentos amorosos e hostis.

Afinal, é nesse sentido que se diz ser ‘total’ a identificação com o objeto, na melancolia. Dele se pega não apenas a parte que se ama, mas também a que se odeia. Na letra de Freud (1917 [1916-17], p. 428):

Na melancolia, bem como em outros distúrbios narcísicos, emerge, com acento especial, um traço particular na vida emocional do paciente – aquilo que, de acordo com Bleuler, nos acostumamos a descrever como ‘ambivalência’. Com isso queremos significar que estão sendo dirigidos à mesma pessoa sentimentos contrários - amorosos e hostis.

Ou como ele explica em Luto e Melancolia:

Esse conflito devido à ambivalência, que por vezes surge mais de experiências reais, por vezes mais de fatores constitucionais, não deve ser desprezado entre as condições da melancolia. Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja – se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento (FREUD, 1917 [1915], p. 256).

Ou seja, no caso da melancolia, pela via da identificação narcísica, o ego incorpora totalmente o objeto com o qual está identificado: os aspectos que nele

ama e os que odeia. Ao trazer esses últimos para dentro de si, o ego começa a brigar consigo mesmo. Entra em conflito. Em decorrência disso, fica achatado, imobilizado, incapaz de investir em novos objetos.

Assim, na melancolia, seja por uma desconsideração ou por um desapontamento com o objeto, tendo a relação sido destruída, o resultado é a volta da libido para o ego através da identificação deste com o objeto abandonado, em todos seus aspectos. Mas, se “a sombra do objeto caiu sobre o ego”, não o fez impunemente. A “sombra” opressora é justamente a parte dele com a qual se é hostil.

E essa “sombra” cai sobre o ego esmagando-o e marcando todo o seu modo de ser e de estar no mundo. Trata-se de um mecanismo introjetor, verdadeira engrenagem psíquica, que enseja por si só a criação de outras instâncias e novos desejos. Assim, no caso do melancólico, um verdadeiro tribunal inquisitório é instaurado, e o ego, preso em grilhões, só pode ficar sentado no banco dos réus esperando a cruel sentença.

Para a identificação narcísica ser instaurada, deve ter havido, em algum momento, de um lado, uma forte fixação no objeto amado; de outro, a catexia objetal deve ter sido destruída sem muita dificuldade. Para tanto, essa escolha objetal deve ter sido construída numa base narcísica, a fim de que possa retroceder ao narcisismo. Logo, escolhas de base narcísica podem estar por trás desse tipo de identificação.

Uma distinção importante entre a identificação narcísica e as identificações neuróticas (traço único ou identificação por infecção) é que, na primeira, a catexia objetal é abandonada, persistindo e mantendo sua influência nas demais. Afinal, naquela, a incorporação do objeto é total, e também ele foi suprimido. Nas neuróticas, trata-se de incorporação parcial, de traço de caráter, traço único ou de sintoma.

Por outro lado, apesar da distinção entre a identificação narcísica e a identificação neurótica de traço único, cabe dizer que, no Cap. V de *O Ego e o Id*, Freud (1923) faz uma nota de rodapé para explicar que, na identificação narcísica, pode ser que tudo que reste da relação objetal suprimida seja somente um traço: o sentimento de culpa. Assim, à semelhança da identificação de traço único, apenas um traço apontaria a ligação objetal. Todavia, em uma identificação, a introjeção do

objeto seria total, e, em outra, parcial. Além disso, na primeira, o objeto teria que ser totalmente suprimido, dele restando apenas o “traço” do sentimento de culpa.

6 MECANISMO CONSTITUTIVO DO PSIQUISMO

Em 1923, com “O Ego e o Id”, partindo da identificação narcísica, Freud depara-se com algo que, mais do que uma engrenagem, é um verdadeiro mecanismo constitutivo do psiquismo. Afinal, é através da identificação que se explicam as origens do superego.

O mecanismo subjacente às identificações ditas narcísicas, descoberto em Luto e Melancolia e desenvolvido em Psicologia das Massas, adquire um caráter universal no capítulo III de “O Ego e o Id”. Na letra do Mestre:

Alcançamos sucesso em explicar o penoso distúrbio da melancolia supondo [naqueles que dele sofrem] que um objeto que fora perdido foi instalado novamente dentro do ego, isto é, que uma catexia do objeto foi substituída por uma identificação. Nessa ocasião, contudo, não apreciamos a significação plena desse processo e não sabíamos quão comum e típico ele é. Desde então, viemos a saber que esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu ‘caráter’ (FREUD, 1923, p. 41).

Primeiramente, como se depreende do texto acima, cabe observar que Freud elucidava, pelo mecanismo da identificação, não algo pertinente à formação do ego, e sim – pela substituição – um processo determinante de seu *caráter*. Resta compreender-se, quando ele fala de “catexia de objeto”, refere-se unicamente aos casos em que há investimento libidinal objetal. A dúvida refere-se à inclusão ou não, aí, da identificação primária, anterior a qualquer catexia objetal.

Freud (1923, p. 42) parece se preocupar com a questão, pois, na sequência do texto, segue dizendo que “A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia

do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra”. Ele passa, então, a explicar o complexo de Édipo para concluir que, devido ao seu caráter triangular e à bissexualidade constitucional do indivíduo, na sua forma completa, seu resultado acarretará duas identificações: uma com o pai e outra com a mãe.

No tocante à formação do superego, portanto, parece ser irrelevante a necessidade de ter havido anteriormente investimento libidinal no objeto ou mera identificação com ele. Em verdade, essas posições relativas ao querer *ser* ou *ter* o objeto estão em constante alternância dentro do complexo de Édipo.

Também a questão de a incorporação decorrente do mecanismo da identificação narcísica ser total ou parcial aqui parece não ter relevância, não sendo nem mesmo mencionada por Freud. Tratando-se da constituição de superego (ora abordada como formação de caráter), parece-nos que se refere a uma incorporação parcial, ao contrário da pertinente à melancolia, que é total. Talvez essa relação esteja ligada ao fato de que, quanto mais abrangente a parte incorporada, mais “total” a identificação, mais propicie o achatamento do ego, até por fim aniquilá-lo sob a forma melancólica.

De fato, quando a libido é retirada do objeto para retornar ao eu, há também uma carga que é desfusionada. Afinal, toda identificação “[...] tem a natureza de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação.” (FREUD, 1923, p. 67), disso decorrendo a liberação da agressividade, na forma de agressão e destruição.

7 COM QUE ROUPA ANDAMOS?

Voltemos para nosso ponto de partida, a Conferência XXXI. Nela, Freud ainda está inquieto com o tema das identificações. Assim, ao escrever “A dissecação da personalidade psíquica”, retoma a questão, dizendo ainda desconhecer a natureza do mecanismo de substituição da catexia objetal para seu retorno ao ego. Levanta, em parte, as dúvidas já suscitadas em 1923:

Pode ser que, através dessa introjeção, que constitui uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o ego torne mais fácil ao objeto ser abandonado ou torne possível esse

processo. Pode ser que essa identificação seja a única condição em que o id pode abandonar os seus objetos. De qualquer maneira, o processo, especialmente nas fases primitivas de desenvolvimento, é muito freqüente, e torna possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto. Naturalmente, deve-se admitir, desde o início, que existem diversos graus de capacidade de resistência, os quais decidem até que ponto o caráter de uma pessoa desvia ou aceita as influências da história de suas escolhas objetais eróticas (FREUD, 1923, p.42).

Esperamos ter demonstrado, ao longo do presente trabalho, como a noção de identificação foi adquirindo importância ao longo da obra freudiana. Primeiro, apareceu como um simples modo de pensar; depois, como fenômeno subjacente aos sintomas histéricos, sempre ligada aos processos psicopatológicos. Explicou traços de caráter e ganhou *status* de mecanismo formador da melancolia. Posteriormente, ganhou destaque em Psicologia das Massas, com um capítulo inteiro dedicado a explicar as identificações: modelo de base de todos os indivíduos (*ser* como o pai), traço único (identificação neurótica, de maneira geral), e identificação pelo desejo (identificação exclusivamente histérica), todas em contraponto à identificação narcísica, geradora da melancolia.

Por último, com “O Ego e o Id”, a identificação é vista por Freud (1923) como algo inerente à construção do sujeito, base de um verdadeiro processo constitutivo do psiquismo, elemento fundamental de nossas engrenagens, por seu papel na formação do superego. Todavia, a questão não se exauriu. O próprio Freud a deixou inconclusa, como se depreende desse último excerto. Outras inúmeras questões continuam em aberto: Como ela se manifesta nas diferentes estruturas? Topologicamente, onde está? Para se libertar, basta se desidentificar? Isso é possível? Quando? Em que termos? Pode ela ser via de cura? E a identificação com o analista, que papel tem? Quais suas relações com a transferência?

Olhar para esse tema é olhar para dentro, é olhar para si... Quantos me habitam? O que, de mim, são eles? O que, deles, sou eu? Encerro com mais dúvidas

que certezas, e, se uma certeza tenho, é que o poeta bem sabia por onde andava. Terminei essa dança, portanto, com quem comecei, com Pessoa, engenheiro de múltiplas identificações: “*Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única e anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas.*”³

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1896). Viena, 17 de dezembro de 1896. *In*: MASSON, J. M. (ed.) **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 4).

FREUD, S. (1905 [1901]). Fragmento da análise de um caso de histeria. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 7).

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 7).

FREUD, S. (1908). Caráter e erotismo anal. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 9).

FREUD, S. (1909 [1908]). Algumas observações sobre ataques histéricos. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 9).

3 PESSOA, F. Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. *In*: Para a Explicação da Heteronímia.

FREUD, S. (1909a). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 10).

FREUD, S. (1909b). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 10)

FREUD, S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 11)

FREUD, S. (1913 [1912-13]). Totem e tabu. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 13).

FREUD, S. (1913). A disposição à neurose obsessiva. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 12).

FREUD, S. (1915a). O inconsciente. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1915b). Os instintos e suas vicissitudes. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1915c). Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1915-1916). Breves escritos - um paralelo mitológico com uma obsessão visual. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1916). Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 19).

FREUD, S. (1917 [1915]). Luto e melancolia. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1917 [1916-17]). Conferência XXVI: a teoria da libido e o narcisismo. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 16).

FREUD, S. (1918 [1914]). História de uma neurose infantil. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 17).

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 18).

FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 19).

FREUD, S. (1933 [1932]). Conferência XXXI: a dissecação da personalidade psíquica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 22).

FREUD, S. (1942 [1905 ou 1906]). Personagens psicopáticos no palco. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 7).

FREUD, S. (1950 [1892-1899]). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira, 1).